

A Inclusão de Estudantes Surdos no Ensino de Geografia: Uma Análise Crítica

Savio Augusto Oliveira¹

CRUZ LISBÔA, B. L.; LEITE PACHECO LISBÔA, G.; RODRIGUES DA SILVA, G. Possibilidades Didáticas no Ensino de Geografia para Estudantes Surdos. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, [S. l.], v. 10, n. 20, p. 399–410, 2020. DOI: 10.46789/edugeo.v10i20.927.

Esta resenha incide sobre o artigo “Possibilidades Didáticas no Ensino de Geografia para Estudantes Surdos”, publicado pela Revista Brasileira de Educação em Geografia no ano de 2020. Os autores fazem uma análise da inclusão de estudantes surdos na educação básica e propõem alternativas didáticas para o ensino de geografia, focando na experiência visual e considerando as barreiras e facilidades da implementação dessas, fazendo também uma análise bibliográfica sobre o tema.

Inicialmente o artigo traz um contexto histórico da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, apresentando suas singularidades e a herança cultural presente na língua, que assim como qualquer outra língua natural, surgiu espontaneamente pela interação das pessoas (Brito, 1998, p. 19), e carrega consigo variações pelas regiões do país, não havendo uma universalidade dos sinais, pois a língua é influenciada por aspectos culturais e geográficos, um símbolo de identidade para a comunidade surda.

A implementação da língua na formação de professores é recente, e os autores pontuam a questão de muitos professores terem se formado antes da inclusão da disciplina de LIBRAS nos currículos da licenciatura, tornando o obstáculo da comunicação de professores com alunos surdos, ainda maior nessas situações, e mesmo os professores que tiveram acesso ao tema, podem não dominar a língua de sinais. Desse modo, o desafio do professor em sala de

¹ Cursa licenciatura em Geografia pela Universidade Federal de Viçosa. Bolsista do Programa Residência Pedagógica. Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-8208-8670>. Email: savio.oliveira@ufv.br.

aula que já é grande, pois é seu dever garantir a compreensão e desenvolvimento do pensamento crítico do aluno, se torna ainda maior no ensino dos alunos surdos por essa limitação de comunicação, mesmo sendo garantido por lei que o aluno tenha acesso a um intérprete, esse não é responsável por ensinar o conteúdo, apenas traduzi-lo.

O artigo elabora uma reflexão sobre as possibilidades metodológicas para o ensino de geografia, propondo que o professor de Geografia, para superar esse desafio, recorra a outras estratégias didáticas para inclusão de alunos surdos na construção do conhecimento geográfico, considerando suas experiências e realidades singulares. Entendendo a língua de sinais como indispensável para o acesso à informação e ao conhecimento, devendo no ensino de geografia, proporcionar aos alunos a percepção de sujeito no mundo, essas possibilidades trazidas pelos autores, tem como intuito viabilizar a capacidade dos estudantes de construir conhecimentos.

As estratégias propostas incluem alternativas para a ausência do domínio de LIBRAS pelo do professor, entendendo que o uso da primeira língua da pessoa surda é capaz de e propiciar o desenvolvimento integral do ensino de geografia, que assim como qualquer outra disciplina, é necessário conhecê-la para poder estruturar sua leitura de mundo, que não acontece com o uso exclusivo da língua portuguesa no ensino (segunda língua desses alunos).

Na análise bibliográfica trazida pelo artigo, de acordo com Fernandes (2016, p.108) e Libâneo (2004), deve ser valorizado o conhecimento prévio que o aluno traz consigo, associando uma didática pensada para a formação de sujeitos pensantes e críticos, com estratégias para a compreensão dos conceitos. Constatando que “uma política educacional inclusiva deve estar fundamentada na ideia de que a atividade central da escola é a aprendizagem e deverá estar associada aos motivos dos alunos” (Lisbôa; Lisbôa; Silva, 2020).

Entendendo que não há como continuar com práticas que priorizem somente a memorização e as repetições, e pensando na inclusão de alunos surdos, eles trazem como possibilidades didáticas com aplicabilidade no

ensino de geografia a cartografia inclusiva, que propõe produzir mapas com legendas, títulos e outros elementos disponibilizados em LIBRAS; a produção de maquetes, pensando numa confecção que permite ao aluno recriar o espaço de forma - espontânea-, citam também o uso de charges, ilustrações, jogos e filmes promovendo uma exemplificação mais visual do conteúdo. O artigo também cita visitas de campo, que permitem aos alunos o contato real com o conteúdo trabalhado anteriormente.

Os autores trazem muitas alternativas que são, de fato, didáticas e que podem ser muito facilitadoras no ensino a alunos surdos, sendo coerentes com o intuito do artigo, porém na realidade do professor brasileiro se faz necessário considerar a real aplicabilidade destes na escola, pensando na infraestrutura, e também na realidade dos alunos, não devendo descartar essas possibilidades, mas adaptá-las.

Alguns dos obstáculos encontrados na execução dessas atividades trazidos pelos autores é em relação à infraestrutura, em que muitas escolas não recebem recursos suficientes para manutenção e aprimoramento dos recursos didáticos, como em novos retroprojetores, impossibilitando a realização de algumas das propostas como visitas de campo e filmes, mas ainda sendo possível pensar em outras alternativas de ensino que aproximem os alunos da Geografia.

A partir da análise crítica do artigo, acho importante ressaltar quando o autor pontua que sua intenção é provocar reflexões e inquietações acerca do trabalho do professor, não devendo se limitar as sugestões propostas, considerando a realidade estrutural da escola, e também as experiências e limitações dos estudantes, devendo, no ensino de pessoas surdas, priorizar pelo aprendizado visual, entendendo que “aprender a Língua Brasileira de Sinais é condição sine qua non para que a verdadeira inclusão aconteça” (Lisbôa; Lisbôa; Silva, 2020) de modo a concluir que a comunicação não pode se tornar um impedimento para o aprendizado dos estudantes.